

Tudo começou em 1932, com uma paulista

A primeira mulher parlamentar do Brasil foi a paulista Carlota Pereira de Queiroz. Médica, participante da Revolução de 1932 como uma das organizadoras do Serviço de Assistência aos Feridos, Carlota foi eleita constituinte em 1933. Dois anos depois, ela recebeu como companheira nessa Assembléia a pioneira do movimento feminista no País, Berta Lutz, que chegou à Constituinte como suplente da bancada do Rio de Janeiro.

Para a Constituinte de 1946 não foi eleita nenhuma mulher e durante os anos 50 a Câmara Federal recebeu apenas uma deputada — a baiana Nita Costa. Em 1962, elegeu-se uma mulher que, diferente dos padrões feministas de hoje e de forma no mínimo polêmica, marcou presença no Legislativo: a paulista Ivete Vargas, sobrinha-neta do ex-presidente Getúlio Vargas.

Antes de cassada, em 1968, Ivete chegou a dominar a máquina da previdência em São Paulo, recorrendo aos padrões convencionais da política, marcados pelo clientelismo. Anistiada, Ivete envolveu-se numa disputa com o governador Leonel Brizola pelo controle da sigla PTB. Eleita em 1982, logo assumiu a presidência e a liderança do PTB na Câmara, cargos que exerceu até sua morte, em 1984.

Foi na legislatura 1967/1971 que as mulheres alcançaram uma representação expressiva para a época: seis deputadas — Ivete Vargas, Júlia Steinbruch, Lygia Lessa Bastos, Maria Lúcia Araújo, Nely Novais e Nisia Carone. Além das mulheres, foram eleitos para essa legislatura vários sacerdotes e parlamentares jovens, o que levou o ex-ministro da Educação, Gustavo Capanema, a exclamar, na sessão inaugural: "Onde chegamos, com tanta mulher, tanto menino e padre?..."

E verdade que quase todas deputadas de 1967 foram eleitas na sobra do prestígio dos respectivos maridos: Júlia, casada com o ex-senador Aarão Steinbruch, Ligia, com o ex-líder do PTB, Doutel de Andrade, Maria Lúcia, com o ex-governador do Acre José Augusto (falecido), Nisia, com o ex-prefeito de Belo Horizonte, Jorge Carone e Nely com o deputado Manoel Novais, que era considerado uma espécie de vice-rei do Vale do São Francisco. A exceção de Nely, as demais foram cassadas em 1968.

Atualmente, integram a representação feminina na Câmara as deputadas Cristina Tavares, Bete Mendes, Lúcia Viveiros, Irma Passoni, Rita Furtado, Myrtes Beviláqua e Júnia Marize. As duas últimas não retornarão à Câmara: Myrtes é candidata ao Senado, pelo PMDB do Espírito Santo e Júnia a vice-governadora de Minas.

No Senado tem assento a amazonense Eunice Michiles, que foi a primeira mulher a ter assento nessa Casa do Congresso, onde chegou em 1979, como suplente do senador João Lobo.